

As relações interdiscursivas em *Uma História do Sertão*

The interdiscursive relations In "A History of the Sertão"

Dalve Oliveira Batista-Santos*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Universidade Federal do Tocantins
Porto Nacional, Tocantins, Brasil

Maria das Graças Alves dos Santos**

Universidade Federal do Tocantins
Porto Nacional, Tocantins, Brasil

Ruy Martins dos Santos Batista ***

Universidade Federal do Tocantins
Porto Nacional, Tocantins, Brasil

Resumo: O presente artigo objetiva analisar o discurso religioso e as relações interdiscursivas na construção do sentido e como estes auxiliam a construção da identidade nordestina. O *corpus* é composto pelo cordel "Uma história do sertão", de Joaquim Eustáquio de Oliveira (2015), escolhido por ser um gênero popular e rico em manifestações culturais. Para tanto, embasamo-nos em pesquisadores e teóricos que têm a temática em questão como foco, sendo eles: Pêcheux (1990; 1998), Foucault (1997), Maingueneau (2005), Moita Lopes (2002; 2006), Possenti (2003). O discurso religioso explora sistematicamente os dizeres "já-proferidos e, quando se concretizam esses usos, os sujeitos ativam as memórias discursivas armazenadas, descobrindo algo próximo/familiar e os reproduzem de acordo com sua leitura particular, por intermédio de projeções que, por sua vez, são resultados de um legado constituído socialmente. A análise conduz à constatação de que esse gênero constitui-se em rico material de exploração didática num campo discursivo e de que nossas ações verbais estão num constante processo de construção e reconstrução, por meio das diversas vozes que permeiam o texto. Dessa forma, a análise demonstrou as marcas da interdiscursividade por meio do discurso religioso na materialidade do cordel.

Palavras-chave: Interdiscurso; Cordel; Discurso religioso.

Abstract: This article aims to analyze religious discourse and the interdiscursive relations in the construction of meaning and how they assist in the construction of the Northeastern identity. The corpus is composed by the cordel "A history of the sertão", written by Joaquim Eustáquio de Oliveira (2015), chosen because it is a popular and rich genre in cultural manifestations. For that, we are based on Pêcheux (1990, 1998), Foucault (1997), Maingueneau (2005), Moita Lopes (2002, 2006), Possenti (2003). Religious discourse systematically explores the already-spoken utterances, and when these uses are realized, the subjects activate the stored discursive memories, discovering something close / familiar and reproduce them according to their particular reading, through projections that, which in turn, are the results of a socially constituted legacy. The analysis

*Doutoranda e mestra em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Assistente II, da Universidade Federal do Tocantins, lotada no curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas. Porto Nacional, TO, Brasil. E-mail: dalve@uft.edu.br.

**Mestranda em Letras, na Área de Concentração – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, TO, Brasil. E-mail: ruymartinsbatista@gmail.com.

***Mestrando em Letras, na Área de Concentração – Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, TO, Brasil. E-mail: ruymartinsbatista@gmail.com.

leads to the realization that this genre constitutes rich material of didactic exploration in a discursive field and that our verbal actions are in a constant process of construction and reconstruction, through the diverse voices that permeate the text. Therefore, the analysis demonstrated the marks of interdiscursivity through religious discourse in the materiality of the cord.

Keywords: Interdiscurso; Cordel; Discurso religioso.

1 PALAVRAS INICIAIS...

[...]
Dos folhetos baratos
E do simplório barbante
O cordel evoluiu
Segue rota triunfante
Estudar este fenômeno
É um caso interessante.
[...]
(VIANA, 2005, p. 3).

Acreditamos que, refletir sobre a linguagem é mergulhar num universo que permite ao sujeito compreender sua realidade simbólica, visto que é por ela que as identidades são construídas e reconstruídas (MOITA LOPES, 2006). Por meio da concepção de língua que subjaz ao campo do saber, é possível determinar que posturas teóricas serão usadas na análise de um objeto. A forma de conceber a língua reflete o posicionamento teórico-metodológico das várias disciplinas que se ocupam em estudar os fenômenos linguísticos.

Ao longo dos anos, a linguagem era estudada “apenas” sob a perspectiva estruturalista, em que a língua era concebida como sistema abstrato de signos. Grande percussor dessa corrente, Ferdinand de Saussure, analisava a língua apenas como estrutura, uma sentença separada dos processos sócio-históricos. No entanto, com a união dos estudos discursivos, notamos que a relação do sujeito com a linguagem não é neutra, ou natural, uma vez que ela tem um universo mais amplo.

A linguagem é o espaço de conflito, confronto e não pode ser entendida fora da sociedade, ao considerar os processos sócio-históricos que a constitui. Para entender a concepção de linguagem, faz-se necessário pensarmos também na concepção de signo, visto que ela só existe por meio dele. Segundo Bakhtin/Voloshinov (1992), o signo é carregado de ideologia, ele retrata uma realidade. Sabemos que um sistema de signos se constitui por meio da interação, ou seja, da materialização da comunicação social. Sendo assim, a comunicação na sociedade acontece por meio da linguagem.

Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é analisar o discurso religioso e as relações interdiscursivas na construção do sentido e como estes auxiliam a construção da identidade nordestina no cordel “Uma história do sertão”, de Joaquim Eustáquio de Oliveira (2015).

2 O DISCURSO RELIGIOSO E O INTERDISCURSO EM “UMA HISTÓRIA DO SERTÃO”

É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas [...] ele está preso a um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede (MICHEL FOUCAULT, 1997).

Torna-se fundamental apresentar aqui um breve panorama acerca da Literatura de Cordel, pois as condições de produção dos discursos que circulam nos cordéis são importantes para entendermos o entrecruzamento entre os dizeres da mídia e dos folhetos nordestinos.

Historicamente, a região nordeste tem se mostrado como um “berçário” das mais variadas riquezas culturais existentes no Brasil, e dentro desse contexto está o cordel, que a partir da expansão europeia no Brasil torna-se uma manifestação artístico-cultural de extrema significância para o povo brasileiro. O cordel significa a representação da cultura de um povo por meio da palavra, palavra esta, que é carregada de sentidos ideológicos e de interdiscursividade. Nas palavras do cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante, o cordel brasileiro é diferente dos cordéis produzidos fora do país:

Na França, também Espanha
Era nas bancas vendida,
Que fosse em prosa ou em verso
Por ser a mais preferida
Com o seu preço popular
Poderia se encontrar
Nas esquinas da avenida.
[...]
No Brasil é diferente
O cordel-literatura
Tem que ser todo rimado
Com sua própria estrutura
Versificando em sextilhas
Com a métrica mais pura (CAVALCANTE, 1984, p. 01).

A literatura de cordel é de suma relevância para a sociedade brasileira, uma vez que pode permear por questões no âmbito econômico, social, religioso, histórico e científico. Por muitos anos, a análise de um texto limitava-se a apenas decodificar as informações presentes no discurso, sem levar em consideração o contexto social da produção como parte indispensável no processo da construção de sentidos. A noção de abordar a linguagem ampliou-se por meio de pesquisas e teorias significativas que deixaram de lado o processo tradicional como mera extração de significados.

Essa narrativa teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi na região nordeste que o cordel, narrativas em versos, impressas em papel simples e penduradas num barbante, encontrou terreno mais fértil para se propagar.

O cordel é estruturado a partir de um “causo” que não necessariamente pode ser verídico, como se observa nas estrofes seguintes:

No sertão de Pernambuco
Bem distante da cidade
Ouvi contar uma história
Por um homem de idade
Porém não posso afirmar
Se é mentira ou verdade (Grifo nosso) (p. 04).
[...]
E assim termina a história
Que eu disse que havia ouvido
Não posso dizer se é verdadeira
Porque não presenciei o ocorrido (Grifo nosso)
E fica por sua conta analisar
O que aqui foi descrito (OLIVEIRA, 2015, p. 74).
[...]

É observando o funcionamento discursivo do cordel em análise, que iremos além dos limites do verbal, em busca das relações interdiscursivas que formam a trama de sentido, pois como afirma Maingueneau (2005, p. 73) “o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltado para um co-enunciador”, mediante essa assertiva devem ser lidos com um olhar reflexivo, crítico, destituído de ingenuidade para mobilizá-lo e perceber os sentidos aí constituídos e, assim, “identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (p. 73).

Vale ressaltar que não queremos dizer com isso que o linguístico não é importante nesse processo, até porque, acreditamos que é neste que o discurso se materializa, pois como afirma Maingueneau (2006), na visão da Análise do Discurso (doravante AD), as ciências da linguagem intervêm com relação à literatura. Dessa forma, a AD não pretende em hipótese alguma,

[...] se instituir como especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (...). O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal (PÊCHEUX, 1998, p. 53).

Assim, é preciso analisar no intradiscurso, elementos do interdiscurso para se perceber os confrontos discursivos no jogo da enunciação. Pêcheux (1998) caracteriza o intradiscurso como o discurso que opera sobre si próprio e o interdiscurso como o conjunto do dizível histórica e linguisticamente definido. Assim, nas palavras de Martins e Silva (2005, p. 07), se considerarmos que o “interdiscurso é do nível da constituição e o intradiscurso é do nível da formulação, esta é que realiza o trabalho de juntar, alinhar, costurar os sentidos dispersos no interdiscurso”.

A linguagem no âmbito interdiscursivo vai além do texto, trazendo sentidos previamente construídos que são reflexos da memória do dizer. Sendo as práticas discursivas uma maneira das pessoas agirem no e sobre o mundo, concebendo-se aqueles que mantêm práticas dialógicas, construindo significados sociais (MOITA LOPES, 2002).

No “Primado do interdiscurso”, Maingueneau (2005) distingue o que entende pelo “Outro”. Para ele, o “Outro” se define de duas formas: por uma heterogeneidade “mostrada”, que apreende sequências delimitadas as quais mostram sua alteridade por meio do discurso citado, das auto-correções, das palavras entre aspas etc.; ou por uma heterogeneidade “constitutiva”, que não deixa marcas visíveis que possam ser apreendidas por uma abordagem linguística em sentido restrito. A noção do primado do interdiscurso, portanto, insere-se na perspectiva da heterogeneidade constitutiva porque apreende os elos da relação intrínseca do “Mesmo” do discurso com seu “Outro”. Dessa forma, o interdiscurso revela a relação com outras formações discursivas, ou seja, há uma justaposição de unidades exteriores por meio de vários “intradiscursos”.

O interdiscurso surge na AD, como a possibilidade de dialogar com outros discursos, a partir da retomada de formulações anteriores e, como sabemos, não existe um discurso único, inédito. Segundo Possenti (2003), o termo interdiscurso é encontrado no dicionário proposto por Charaudeau e Maingueneau (2002), possuindo a seguinte definição:

[...] o verbete “interdiscurso” é apresentado com um sentido restritivo (conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros) e com um sentido amplo (conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita). No mesmo verbete, um subitem refere-se ao “primado do interdiscurso”, uma tese da escola francesa, tanto em teoria quanto em análise. Tal primado implica que uma FD produz o assujeitamento do sujeito na medida em que cada FD é dominada pelo interdiscurso e exclui que sejam colocadas em contraste FDs consideradas independentemente umas das outras (POSSENTI, 2003, p. 254).

Assim, as formulações estão na base do receptível gerando, a partir delas, enunciações outras que a retomam, reformulam, opondo-se ou reafirmando dizeres, numa mescla de memória e esquecimento. Pensar nas relações interdiscursivas é buscar compreender como se dá a relação memória/esquecimento. É resgatar a ideia de que as formações discursivas não são homogêneas, mas são sempre invadidas por seu outro, o que favorece pensar o discurso como heterogêneo.

A Formação Discursiva (FD) nas palavras de Foucault (1997, p. 43), representa “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. Já para Pêcheux (1998, p. 160) a FD é “[...] aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma [...], de um sermão, de um panfleto [...])”.

Importa dizer que a memória incide e repercute à sucessão dos efeitos de sentido, pois como afirma Orlandi (2005):

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já dito que está na base do dizível (ORLANDI, 2005, p. 31).

Nesse sentido, percebemos o espaço do receptível como controlado pela memória, pois, os dizeres aparecem re-significados no imediatismo da retomada. A relação com a formulação anterior dá-se de formas diversas, tendo em vista que há uma anulação da distância interdiscursiva que constituem os efeitos imaginários. Assim, para exemplificar, apresentamos um trecho do cordel analisado, no qual o personagem Zé Paulo, por ser temente a Deus, não vinga com suas próprias mãos as agressões sofridas.

Essa atitude demonstra algo cultural da Região Nordeste quando se trata do quesito fé em Deus. Ao afirmar que deixa de lado a raiva por ter sido agredido pelo fazendeiro, confiando a Deus a sua vingança, percebemos um interdiscurso (intertextualidade) com os dez Mandamentos da Lei de Deus, sendo um deles “Não Matarás” (ÊXODO, 20:13), vivenciado como cultura nordestina e tido como pecado mortal. Aquele sem o perdão divino, “mas a vingança virá”, como se Deus fosse um ser vingativo e protegesse os injustiçados.

E quando a mãe de Zé Paulo viu
Ele chegando naquele estado
Com o corpo todo sangrando
E no chão sendo jogado
Ela correu para acudir
O seu pobre filho amado (p. 20).

Levou ele para dentro
Tendo o máximo de cuidado
Lhe lavou os ferimentos
E um remédio foi preparado
Para curar as feridas
De seu filho torturado (p. 21).

[...]
Ele via o fazendeiro
Com certo desagrado
Mas ele amava a Deus
Nosso mestre e pai sagrado
E acreditava na justiça divina
Para o mau ser castigado (Grifo nosso).
(OLIVEIRA, 2015, p. 24).

Esse mesmo discurso do personagem, ao ser retomado pelo contexto social do sertão nordestino, também é possível percebemos, de maneira implícita, que na mesma

região, há o costume da violação do Direito Humano à vida. Numa primeira leitura do cordel, somos capazes de identificar um enredo bem simples, no qual um homem é agredido por um fazendeiro e tratado com todo amor e carinho por sua mãe, sendo que, em alguns momentos de delírio, jura vingança ao agressor, no entanto, é temente a Deus e não faz justiça com as próprias mãos.

Salientamos que as outras ‘vozes’ que permeiam, ou seja, estão presentes no texto de maneira explícita ou implícita, são muito mais que a intertextualidade (fragmentos que remetem a outros textos), mas elas de maneira macro constituem o nosso falar/dizer e a nossa própria existência, uma vez que somos sujeitos sócio-histórico-culturais. Assim, para Bakhtin/Voloshinov (1992, p. 35-36) no decorrer de nossas vidas agimos assim,

“[...] julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...]”.

Compreendemos assim, que a utilização de outros dizeres se insere no campo do interdiscurso, ou seja, diversos discursos já proferidos e guardados. Esses discursos fazem parte de uma memória sócio-histórica-cultural ou memória discursiva. Nesse ínterim, de maneira genérica, podemos afirmar que o interdiscurso seria o lugar de relação ou interação entre as formações discursivas.

Por meio do discurso do personagem, podemos realizar uma análise interna e o seu exterior, ou seja, estamos no momento de relacionar o campo da língua ao campo da sociedade, uma vez concretizada pela história e pela ideologia. Pêcheux (1990), afirma que em uma sociedade existem diversas formações ideológicas, sendo que cada uma está diretamente ligada à uma formação discursiva materializada em uma época e uma sociedade, contexto histórico-social. Dessa maneira, comprova-se que a construção de sentidos para o objeto analisado perpassa o signo linguístico e vai muito além do texto, sai da linguística textual para a discursiva.

Vale ressaltar ainda que, mais uma vez, nos versos: “Mas ele amava a Deus/ Mas sabia muito bem/ O que era certo e errado”, verificamos os “intradiscursos” ou as “memórias”, as quais, segundo Orlandi (2005), incidem e repercutem à sucessão dos efeitos de sentido. Confirmamos, no objeto de análise, uma ideologia discursiva religiosa muito forte a partir das memórias do personagem (instituição por Jesus Cristo, dos primeiro e segundo mandamentos: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”) (MATEUS: 22: 37-40).

O enunciador utilizou-se de elementos da cultura popular nordestina, principalmente, ligados a valores ideológicos como: religiosidade, crenças, costumes para legitimar seu discurso. Dessa forma, traços da memória social do sertanejo são abordados, em busca de construir uma poesia que retrate o ‘universo fascinante do sertão’, com um canto de quem realmente tem experiência para expressar essa realidade, num discurso produzido por um sujeito construído a partir de um lugar sócio-histórico específico.

Assim, notamos nas estrofes abaixo, que o discurso religioso apresenta-se como uma boa estratégia discursiva, tendo em vista que a fé do sertanejo é um traço identitário de sua imagem social. O universo em que vive o sertanejo é marcado por uma espiritualidade, que condiciona a vida das pessoas. Nos versos: “E o tempo foi passando/ E a mãe do filho cuidando”, a intertextualidade no enredo do cordel é representada, novamente, por discurso bíblico: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá”. (DEUTERONÔMIO: 5: 7-21). Segundo a voz poética, a mãe cuidou todos os dias das feridas do filho, esquecendo-se da sua própria dor. Essa ideologia de respeito, cuidado e honra aos pais, neste caso, à mãe, reforça a ideia de que ela merece toda honra para que os dias dos filhos se prolonguem.

De tanto se preocupar com o filho
A pobre velha se esqueceu
Até de sua própria dor
Do ferimento que sofreu
Quando o malvado fazendeiro
Em seu velho rosto bateu (p. 22).
[...]
E o tempo foi passando
E a mãe do filho cuidando
E Joãozinho o outro homem da casa
Sozinho estava trabalhando
Sempre com fé e esperança (Grifo nosso)
De o irmão ir melhorando (p. 22).
[...]
A vida foi melhorando
Zé Paulo comprou seu quinhão
Morava com sua família
Sua mãe e seu irmão
Pois sua maior riqueza
Era viver em união (p. 36).
[...]
Assim viviam felizes
Numa grande harmonia
Trabalhando de sol a sol
Com fé na virgem Maria
E assim foram esquecendo
Todo o ódio que sentiam (Grifo nosso) (p. 37).
[...]
Maria foi piorando
E esteve a beira da morte
Mas depois se recuperou
Pois Deus lhe deu muita sorte (Grifo nosso)
E o seu filho nasceu
Com muita saúde e forte (OLIVEIRA, 2015, p. 39).

Percebemos aí, que a fé é a maior riqueza que se possui e, por conseguinte, acreditar em Deus torna-se meio de sobrevivência. Em face de tantas dificuldades, o

sertanejo apega-se à religião como princípio de ligação com o Divino, fonte de salvação e de está protegido e abençoado, sendo possível alcançar todas as graças, ou conseguir ter força para continuar sua batalha diária.

O discurso da literatura popular absorve traços dessa religiosidade ao usar o interdiscurso religioso, a partir de textos bíblicos que se apresenta como discurso fundador. Notamos no texto em análise, essa retomada do discurso religioso, observando os sentidos produzidos a partir de outros sentidos que já estão cristalizados na memória discursiva. Dizeres esses, que se operam na construção discursiva da identidade, que é produzida em condições específicas de um dado momento histórico, fruto das relações sociais e culturais.

Vejamos, por meio das estrofes abaixo, como o interdiscurso se materializa: mais uma vez:

[...]
Ele via o fazendeiro
Com certo desagrado
Mas ele amava a Deus
Nosso mestre e pai sagrado
E acreditava na justiça divina
Para o mau ser castigado (Grifo nosso).
(OLIVEIRA, 2015, p. 24).

O enunciador utiliza a voz do discurso bíblico, mostrando as orações feitas pelo Rei Davi e que Deus o ouvia, vingando-se: “O SENHOR Deus, a quem a vingança pertence, ó Deus, mostra-te resplandecente. Exalta-te, tu, que és juiz da terra; dá a paga aos soberbos.” (SALMOS 94:1-2). Acreditar que a justiça de Deus é maior, também, é acreditar no poder divino e que esse Deus está sempre do lado dos injustiçados, dos pequeninos. Nessa perspectiva, a partir de um discurso que circula pela história, os sentidos são construídos. Percebemos ainda nesta estrofe, uma construção identitária do sertanejo, como um sujeito temente e crente a Deus.

Assim, a religiosidade comunga com o cultural transpondo a uma visão de mundo intimamente ligado ao desejo de agradecer a Deus pela graça alcançada e pelos milagres, que foram pedidos por meio das orações. Notamos isso nas estrofes abaixo, momento em que o sertanejo demonstra a Deus seus agradecimentos pelo “prêmio”, ou seja, por ter finalmente melhorado de vida financeiramente,

[...]
Maria foi piorando
E esteve a beira da morte
Mas depois se recuperou
Pois Deus lhe deu muita sorte
E o seu filho nasceu
Com muita saúde e forte (p. 39).
[...]
A bonança havia chegado
E nela ele bem viveu

Era um prêmio merecido
Para quem tanto sofreu
E de sempre agradecer a Deus
Ele jamais esqueceu (Grifo nosso).
(OLIVEIRA, 2015, p. 57).

O discurso religioso perpassa toda a materialidade do poema, o que lhe confere legitimidade. Nesse sentido, a religiosidade popular pode ser vista em experiências vividas no dia a dia, como a devoção a Deus em momentos difíceis e de muita aflição. Isso se confirma no momento do parto, visto que não havia médico e as mulheres eram assistidas por parteiras, assim como a personagem Maria: “E esteve a beira da morte/ Mas depois se recuperou/ Pois Deus lhe deu muita sorte/ e seu filho nasceu” (OLIVEIRA, 2015, p. 39). Acreditamos que a fé e crença religiosa, neste caso, a católica é bem representada e evidenciada no interdiscurso deste cordel, o próprio nome “Maria” representa para os nordestinos devoção à virgem Maria, mãe de Jesus.

3 À GUIA DA DISCUSSÃO

Acreditamos que essa pesquisa (por analisar apenas um cordel) não foi suficiente para trazer uma conclusão definitiva da questão da identidade nordestina, construída no discurso poético de “uma história do sertão”, mas, ao partir da compreensão de que o interdiscurso constrói efeitos de sentidos, articulando discursos que são atravessados pela historicidade, constatamos como o enunciador legitima o seu dizer, relacionando-o aos já ditos, construindo os sentidos do texto em sua relação com os conhecimentos linguísticos, uma vez que a noção de interdiscurso se define a partir de uma exterioridade constitutiva.

O que pretendemos mostrar foi a importância dos elementos presentes no discurso, principalmente, quando estão relacionados ao interdiscurso, sendo que relacionar um discurso a outros discursos corrobora para a formação da identidade ideológica de um ser, neste caso, o enredo do cordel confirma o discurso religioso como identidade do povo do sertão pernambucano do Nordeste.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikail. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 8ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Origem da Literatura de Cordel e sua expressão de cultura nas Letras de nosso país*. Salvador-BA: 1984.
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcbr&pagfis=50615>
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.
- _____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Cecília Souza e Silva & Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARTINS E SILVA, Vera Regina. *Efeitos da relação interdiscurso-intradiscurso: a costura pelo seu avesso*. Anais do II SEAD (Seminário em Estudos de Análise do Discurso). Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2: 2005: Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] - Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html> ISSN 2237-8146.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- _____. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas (SP), Mercado de Letras, 2002. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
- OLIVEIRA, Joaquim Eustáquio de. *Uma história do sertão*. São Paulo: Editora Perse, 2015.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso*. Tradução de Ana Maria Dischinger e Heloísa Monteiro Rosário. In Cadernos de Tradução. Instituto de Letras – UFRGS. Nº 01, 2ª ed., nov. 1998.
- _____. "Delimitações, inversões, deslocamentos". Cadernos de estudos linguísticos. Campinas, (19): 25-42, jul./dez. 1990.
- POSSENTI, Sírio. *Observações sobre o interdiscurso*. Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR. Disponível em: http://www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/possenti.pdf.

Recebido em: 05/06/2018

Aprovado em: 23/07/2018

Publicado em: 31/12/2018